

---

**SOBRE O AMOR****ABOUT LOVE**Débora Racy Soares <sup>1</sup>

**RESUMO:** Nessa resenha apresentamos o livro *Sobre o Amor* de Leandro Konder. Seu principal interesse é entender a concepção de amor em 23 autores ocidentais.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sobre o Amor*, Leandro Konder, concepções de amor.

**ABSTRACT:** This book review is about *Sobre o Amor* by Leandro Konder. His main interest is to understand the conception of love in 23 western authors.

**KEYWORDS:** *Sobre o Amor*, Leandro Konder, conceptions of love.

*Sobre o Amor* (São Paulo: Boitempo, 2007) é o último livro de Leandro Konder. Professor da PUC/RJ e um dos maiores especialistas e difusores do marxismo no Brasil, Konder “borboleteia”, no sentido forte de Fourier, sobre um tema cuja elasticidade não deixa de impressionar. Que fique claro, “borboletear” significa necessidade de variar, a fim de evitar os excessos da “compósita”, isto é, a servidão a uma causa única (p.43). Será, então, através de vãos inquietos que Konder visitará 23 autores clássicos da tradição literária e filosófica ocidental demonstrando a impossibilidade de se chegar a um consenso no uso das palavras amar ou amor. Diante da complexidade e da amplitude do tema, o filósofo procura entender a especificidade do conceito amor em cada um dos autores eleitos. No final, em “Concluindo, Reabrindo”, confessa sua intenção: criar um “novo quadro de referências e uma nova curiosidade” (p.156). Ao longo do livro, diante de autores tão díspares como Ovídio e Balzac, Sócrates e Cervantes ou Camões e Freud, percebemos que todos estão unidos pela crença de que o amor “desempenha um papel sutil ao incitar os seres humanos à busca de um mundo melhor e mais justo” (p.11). Na introdução, procurando responder à pergunta “o que é o amor?” Konder atenta para o risco da banalização permanente do conceito, muitas vezes utilizado para encobrir “proclamações ocas, demagógicas”, como se elas justificassem que, em nome do amor, vale tudo (p.9). Outro ponto importante considerado na introdução refere-se à ilusão iluminista que sustenta a validade de um bom argumento racional para interferir na consciência das pessoas apaixonadas. Em alguns casos, reconhece o filósofo, o melhor dos argumentos parece inútil diante dos arrebatamentos do amor.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Doutoranda em Teoria e História Literária na UNICAMP. Apoio: FAPESP. E-mail: [debora\\_racy@yahoo.com.br](mailto:debora_racy@yahoo.com.br)

Será mesmo cego o amor? Entretanto, não se trata de concluir pela ineficiência do apelo crítico, da voz da razão, diante do amor. Pelo contrário, até no amor, ensina Gramsci, “é preciso ser inteligente” (p.11). Como conciliar razão e emoção, excesso e carência, Poros e Penia? Marx e Freud, freqüentadores entusiasmados da mitologia grega, fornecem informações imprecisas sobre Eros e sugerem que não há “receita para ser inteligente no amor” (p.11). Como assegura Konder, “o menino que alveja os corações humanos com suas setinhas não nos revela seus critérios” (p.11).

No ensaio de abertura, o autor percorre *O Banquete* de Platão, texto fundamental para entender a concepção de amor como fusão de duas metades, para problematizar o uso indiscriminado da expressão “amor platônico”. Há, porém, muitas dúvidas em relação a esse texto escrito por volta de 385 a.C. e uma delas diz respeito à interpretação de Platão sobre o pensamento de Sócrates. “Amor socrático” e “amor platônico” seriam, de fato, sinônimos? (p.17).

Em seguida, o professor dá um salto temporal e, em 1847, encontra Marx irritado com os escritos de Feuerbach sobre o amor. Para o teórico militante da lutas de classes, as idéias de Feuerbach enfraqueceriam a combatividade através de uma visão contemplativa, incapaz de transformar o mundo. Para Marx, a carência de amor, no âmbito individual, guardaria semelhanças com uma carência maior, coletiva. Como explica Konder, Marx lutou a vida inteira pelo amor de sua esposa, Jenny e foi tão radical a ponto de Engels acreditar que o amigo não sobreviveria – como de fato não sobreviveu - à morte da esposa.

Percorrendo as obras de Goethe, principalmente o drama de Werther, Konder reflete sobre o amor – essa “forma mais radical de ir ao outro” – ponderando se a felicidade individual não limitaria a possibilidade de inserção social (p.29). Questionando Sócrates, via Goethe, Konder demonstra que quem ama “não tem a pretensão de se instalar no autoconhecimento”, no “conhece a ti mesmo” socrático (p.29). Pelo contrário, amar é viver “intensamente a aventura de sair de si mesmo e mergulhar na alteridade” (p.29).

Com Camões vemos um amor que entusiasmo e angustia “expandido em visão de mundo” (p.38). Konder retoma versos conhecidos para revisitar as contradições inerentes ao sentimento amoroso. O “fogo que arde sem se ver”, a “ferida que dói e não se sente” e o “não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei por quê” ratificam o poder destabilizador do amor em um mundo em “permanente transformação” (p.40).

Apesar de o pensamento de Fourier ser visto hoje – à maneira de Napoleão - como o de um “maluco inofensivo”, algumas das propostas do autor “mais revolucionário da primeira metade do século XIX” merecem ser levadas em consideração (p.42). Como crítico feroz de seu

tempo, Fourier não media esforços para denegrir o sistema educacional – capaz de tornar os alunos dóceis e apáticos – e o casamento monogâmico – opressor das mulheres. Foi um homem que assumiu o ponto de vista feminino: não só incitava as mulheres ao adultério, como também as ensinava a justificar a traição, a partir de sua descrição das “76 espécies de cornos” (p.43). Para ele, o “grande erro” da humanidade era “o de desejar de menos” (p.44).

Por outro lado, há mais de 2 mil anos, Ovídio ensinava os homens a diminuir a auto-estima de suas mulheres e a controlar suas amantes. É certo que as mulheres respondiam ao poder masculino com rebeldia, mas os homens precisavam exercer suas “ações disciplinares”, já que o adultério era inevitável (p. 48). Para Ovídio, os homens sempre devem “desconfiar das mulheres” porque elas “traem” (p.48). Por outro lado, é “natural que os homens prefiram os amores proibidos” e façam “promessas enganadoras” quando querem “seduzir uma mulher” (p.48-9).

Simone de Beauvoir teria feito um pacto com Sartre a favor da prevalência da verdade em qualquer circunstância. Para Sartre eles estavam unidos por um amor “essencial” que possibilitava a abertura para amores “contingentes” (p.53). Se Sartre teve seus amores “contingentes”, Simone também desfrutou deles ao lado de Claude Lanzmann, Jacques-Laurent Bost e Nelson Algren. Esse último, desesperado de amor, pede Simone em casamento. Ela, fiel ao pacto, recusa, deixando Algren furioso a ponto de dizer: “quem vive de amores contingentes tem uma vida contingente” (p.55).

Em Jorge Luis Borges o amor transparece, sobretudo, em paixão pela linguagem. É a partir dessa hipótese que Konder demonstra como a “dedicação radical à literatura” transforma-se em percurso existencial que, com frequência, “dispensa o eu” (p.62).

Com Hegel aprendemos que a razão dialética supera os limites da razão contemplativa, sem competir com os sentimentos e com a sensibilidade. O grande obstáculo para o amor seria, para Hegel, a consciência da finitude. Porém, superado esse obstáculo, o desejo de união reduziria o medo da morte.

Para Konder, a maior herança deixada por Freud foi sua capacidade de compreender as “profundas contradições” e as “ambigüidades do ser humano” (p.71). Se o amor é um tema muito abrangente, como observou Freud em 1921, é arriscado reduzi-lo a definições estanques. Como diz Konder, em determinado momento, Freud entendeu a paixão amorosa como possibilidade de “felicidade plena”, capaz de “restaurar” a “sensação de onipotência narcísica” (p.72).

Jacob Boehme tinha visões e ouvia Deus lhe falando, embora não entendesse o porquê de haver tanto mal no mundo se Deus era onipotente. Em 1600 teve um sonho revelador: Deus era

a luz, a treva era o mal. Para Boehme o amor tinha o “poder de educar a vontade” e nos aproximar da luz de Deus. Seria somente através do amor – “veneno para o Diabo” - que nos tornaríamos “mais compreensivos” e “mais tolerantes” em nossas relações com as pessoas (p.78-9).

Considerada uma das maiores poetisas norte-americanas do século XIX, Emily Dickinson não costumava dissociar a poética da ética. Para Konder, ao deslocar a questão amorosa individual para o plano coletivo, Dickinson revela seu amor à humanidade, através de sua capacidade de “pensar na diferença” (p.84).

Rosa Luxemburgo esforçou-se em conciliar o amor à causa revolucionária com suas necessidades afetivas. Como lembra Konder, a frase de Shakespeare citada por Marx – “o curso do verdadeiro amor nunca foi sereno” – define a relação de Rosa com Leo Jogiches, seu companheiro nas lutas berlinenses (p.90).

Ao aproximar Heine de Ovídio, Konder explica que ambos eram fascinados pelas mulheres, freqüentavam bordéis e morreram no exílio. Através dos versos do poeta alemão, Konder sugere que o excesso de “lirismo derramado” e de “humor” funcionariam como compensação para uma vida solitária e doente (p.94).

A concepção de amor em Flaubert está ligada a sua desconfiança em relação às mulheres, diz Konder. Se Emma Bovary é personagem exemplar nesse sentido, também há Frédéric Moreau. O protagonista de *Educação Sentimental*, apaixonado por Madame Arnoux, “evitou escolhas dramáticas” e renunciou ao seu grande amor, ao contrário de Bovary que “foi à luta” (p.102).

Diante de Riobaldo e Diadorim, Guimarães Rosa escolhe um desfecho “conservador”, como observa Konder (p.107). Se dentre os perigos de viver, está o de se apaixonar, entre o “sei que sim, mas não” fica a lição: “o corpo não translada, mas muito sabe, adivinha se não entende” (p.105-6).

Dom Quixote, enlouquecido pelas novelas de cavalaria, sai pelo mundo para combater moinhos de vento. Com a ajuda do fiel escudeiro, Sancho Pança, tenta conquistar a amada Dulcinea, “a estrela de sua sorte” (p.112). Mas Dulcinea só existe na cabeça de Quixote, que a idealiza. A verdadeira Aldonza Lorenzo, transformada em Dulcinea, era uma lavradora que cheirava a suor. Cervantes, através de suas célebres personagens, arma um cenário propício para desfazer ideais, sejam os de cavalaria, sejam os de amor.

Konder relembra que em Shakespeare não há caso de amor não correspondido. Romeu e Julieta amam-se à primeira vista, mas seu amor tem história, diferentemente de Dante e Beatriz ou o de Laura e Petrarca.

---

Henri Beyle, mais conhecido por Stendhal, debruçou-se sobre o amor em várias de suas obras, sendo que a mais apreciada por ele era *Do amor*. Em todas, diz Konder, o escritor francês de Grenoble se preocupou em responder à questão: “como ser feliz no amor?” (p.125).

Balzac foi rejeitado pela mãe e se apaixonou por Madame de Berny, uma senhora 25 anos mais velha. O escritor de *A Comédia Humana* costumava dizer que tudo na vida requer paixão e que as “grandes paixões são raras como as obras-primas” (p.128). Konder demonstra que o amor, em Balzac, quando figura nas sociedades burguesas, “assume formas mais ou menos degradadas” (p.131).

Para Dostoiévski, suas novelas são uma experiência de “descida ao inferno do conhecimento de si mesmo” (p.137). Através de suas personagens, procura entender a origem da maldade e sua força, capaz de destronar o amor. Em uma passagem de *Os Irmãos Karamazov* aborda o amor, expondo seus paradoxos: o amor à humanidade se desdobrando em desamor pelas pessoas.

Em Thomas Mann o amor é vida, mas também é doença e morte. Partindo dessa hipótese, Konder percorre as obras do escritor alemão - admirador de Dostoiévski e humanista convicto - observando o movimento dialético que lhes dá forma.

Konder finaliza com Drummond, mostrando as muitas faces do amor. Diante dessa palavrinha de difícil apreensão, o poeta de Itabira sugere sequer pronunciá-la. Para os que desafiam o conselho do poeta e ousam declarar seu amor, fiquem sabendo: amor é questão de ser e não ser, sendo.